



Destacável mensal sobre microcomputadores
n.º 6 Agosto 1984
Coordenação de Fernando Antunes

Eles são os sete protagonistas de uma revolução

Os gigantes do micro

Como no tempo da primeira revolução industrial, as novidades não são o resultado de políticas de empresa, mas, da genialidade de alguns indivíduos não conformistas.

Isto é a chave da retomada económica para os Estados Unidos, mas, para a Califórnia, é uma segunda corrida ao ouro, depois da de 1849. Grandes fortunas e falências clamorosas alternam-se. O sector da informática tornou-se o terreno de um jogo onde, gênios, aventureiros, técnicos especializados e, sobretudo, empreendedores e «managers» corajosos e afortunados, controlam indústrias de milhões. Eis a biografia de sete dos principais autores do «boom» do microcomputador.

John Opel (IBM)

Para os seus colaboradores é, simplesmente, o cérebro. John Opel, 58 anos, há dois anos na direcção-geral da IBM, é o protagonista da fulminante escalada que o colosso da informática fez no mercado do **personal computer**, depois de o terem desprezado durante anos. Projectado nos primeiros meses de 1980 em absoluto segredo, o IBM-PC, o **personal computer** da IBM, hoje à cabeça nas classificações das vendas americanas, é considerado pelos peritos um dos melhores do mercado. Grande parte dos três milhões de dólares ganhos pela IBM em 1982, resultam deste produto, cujo lançamento é, ainda, considerado uma escolha corajosa. «Quem trabalha aqui», comentam os seus dirigentes, «sabe como é difícil mudar a estratégia de um colosso destas dimensões.»

Mas sob a direcção de Opel, a IBM mudou muitos aspectos da sua estratégia. Até aos anos 80, nenhum dos seus produtos (62% do total mundial dos computadores) custava menos de vinte mil dólares; o novo **personal** cinzento pérola custa cerca de um décimo.

Filho de um vendedor de material eléctrico, Opel entrou na filial IBM da sua cidade, Jefferson City (Montana) em 1949, depois de se ter doutorado em Economia e Comércio na Universidade de Chicago. A sua preparação de «manager» aliada a uma certa área professoral, ajudou-o a subir

rapidamente, todos os degraus da escala hierárquica, até tornar-se o assistente de Tom Watson, presidente e filho do fundador da IBM.

Calmo, sério, com óculos de tartaruga ligeiramente fora de moda, John Opel é, também, um exemplo da criatividade em Gestão, o que o ajudou a fazer sua estratégia, aparentemente, contraproducente, já adoptada pela Apple. A IBM fez publicar grande parte dos desenhos dos circuitos do seu **personal**, em vez de os manter secretos, criando, assim, as bases para um florescente mercado de periféricos e sistemas compatíveis que, em vez de fazerem concorrência ao «hardware» da IBM, lhe ampliaram a cota de mercado.

Adam Osborne (Osborne)

«Vi que era uma faixa livre de mercado e inseri-me nela.» Foi assim que, Adam Osborne, com um típico «understatement» britânico (filho de pais ingleses, nasceu em Banguecoque há 44 anos), comentou o sucesso do seu primeiro **personal**, o Osborne 1; durante anos o líder incontestado

da linha dos microcomputadores, revelando-se hoje como um dos mais activos e interessantes.

De pequenas dimensões (houve quem o comparasse a um rádio de mala de antes da guerra), o Osborne 1 oferecia, por menos de 1800 dólares, um vídeo de cinco polegadas, dois **disk driver** e 64 K de memória. Graças a acordos feitos com algumas casas de «software» o preço incluía também, três esplêndidos programas (**WordStar**, **SuperCalc** e **MailMerge**), suficientes para resolver a maior parte dos problemas computorizáveis de qualquer homem de negócios. Para fazer o seu primeiro **personal** precisou de menos de quatro meses de trabalho. Tendo em vista, sobretudo, o aspecto prático e a economia dos custos de produção: para ser montado, o Osborne 1 exigia, apenas, uma hora de trabalho.

Em Outubro de 1983, Osborne perdeu o controlo da administração da sua empresa. A concorrência e alguns problemas financeiros, arruinaram-no. E o primeiro gigante dos «micros» a cair do topo triunfalmente conquistado. Num mercado ainda «selgavem», como o dos microcomputadores, é provável que não seja o último.

Daniel Bricklin (Software Corporation)

Daniel Bricklin deve a riqueza e a fama a um momento de distração: até há cinco anos, o actual presidente da Software Corporation (80 dependências e 10 milhões de facturação anual) era, apenas, um dos muitos estudantes da Harvard Business School, enfastiados pela necessidade de ter de executar milhares de cálculos para avaliar os resultados de um modelo de previsão económica; precisamente, enquanto assistia a uma aula desta matéria, pensou escrever um programa, de forma a poder calcular qualquer tipo de interacção entre as variáveis. Tinha, então, 26 anos e era estudante de Economia

Trabalhando dia e noite, juntamente com um perito da MIT, Bob Frankston, construiu o **VisiCalc**, o programa mais vendido (cerca de 400 mil exemplares, só em 1982) e mais imitado na história do «software». No sucesso comercial do **VisiCalc** trabalhou, também, um outro estudante da Harvard Business School, Daniel Flystra, actualmente com 31 anos. Os três sócios da Software Inc. preparam, agora, um novo programa revolucionário: chamar-se-á TK Solve.

Jack Tramiel (Commodore International)

«Se não o fizemos nós, fá-lo-ão os japoneses» disse Jack Tramiel que, com esta frase mágica, convenceu os accionistas da sua empresa, a Commodore Inc., a financiar a construção do primeiro **personal** a cores, americano, de custo inferior a 300 dólares. Foi outra das suas ideias que resultou: ao fim de poucos meses, o **Commodore Vic 20** (preço de catálogo: 229 dólares, sucessivamente reduzido até 170) tornou-se um dos **personal computer** mais vendidos. Genial e colérico, Jack Tramiel nasceu na Polónia, tem 55 anos e iniciou a sua carreira reparando as



Da esquerda para a direita, de cima para baixo: John Opel, Adam Osborne, Daniel Bricklin, Jack Tramiel, Clive Sinclair, Steve Jobs

